

OFICINA DE ESCOLHAS PROFISSIONAIS: UMA PARCERIA ENTRE JOVENS SURDOS, INTÉRPRETES E PSICÓLOGAS

Angela Carneiro¹
Lucila Lima da Silva²

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO

As oficinas de escolhas profissionais realizadas no INES em 2015 e 2016 fazem parte de um projeto que define que a escolha de um caminho profissional é a construção de um modo de vida. Nosso trabalho tem em seu horizonte ampliar a percepção das conexões do dia a dia dos jovens com a rua, a cidade, a família, o coletivo, a cultura e que produzem efeitos nos seus processos de escolhas. É, também, um espaço para se situar como surdo num meio predominantemente de ouvintes. De que forma isso reverbera em suas vidas? Algumas questões inicialmente nos chegam pelos alunos e pelos professores: É possível ser psicólogo mesmo sendo surdo? ... E ator? Como? Eu quero ser professor porque sei me comunicar... eu quero só

¹ Professora, psicóloga clínica e educacional. Doutora em Psicologia Social pelo Programa de Pós Graduação de Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Micropolíticas da formação e produção de subjetividades. (DEBASI).

² Psicóloga do Departamento de Educação Básica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DEBASI/INES). Atualmente mestranda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

trabalhar, detesto estudar... Eu quero ser jogador de basquete... Eu quero fazer Medicina, ou Nutrição, ou ser arquiteta de casas bonitas. Eu quero ir para Paris, um sonho... Eu não sei ainda... O tema da escolha profissional é uma rede que não pode ser reduzido à uma questão de competência individual. É preciso dar visibilidade às conexões com as mudanças da cena contemporânea e do mundo do trabalho, dos efeitos nas produções de subjetividades e nos modos de vida. No caso dos processos de escolhas dos jovens surdos, quais as particularidades e desafios que nos atravessam? O desejo de trabalho é forte por carrear autonomia, independência financeira e inserção social. Outros buscam uma profissão, e a continuação dos estudos é prioridade. Mas um ponto chama a atenção: uma certa relação mágica entre a tomada de uma decisão e automaticamente a materialização de um novo ciclo, sem a percepção de que há um caminho a ser feito e o jovem precisa se implicar nele. Um trabalho que já começou com sua história, mas é preciso continuar e cada vez mais assumir a autoria desse percurso. Trabalhamos na direção da assunção de um sujeito autor de sua própria história, pertencente ao patrimônio material e imaterial da sociedade e seu contribuinte bem como inventor de novos modos de convivência. A metodologia fundamenta-se na parceria e na corresponsabilidade entre os participantes (alunos, psicólogos e intérpretes), no compartilhamento das vivências e no conhecimento produzido pelo grupo, ordenado numa lógica horizontal de distribuição de conhecimento, tarefas, experiências. As oficinas formam um espaço de conversa e criação para acompanhar processos que tragam novas questões e reflexões sobre esse momento de decisões. Usamos dinâmicas de grupo, filmes, livros, entrevistas, pesquisas de diversas mídias, passeios, dispositivos que ponham em circulação os processos de escolhas. As oficinas abordam três temas: Quem sou, O mundo em que vivo e Eu com o Mundo. Ao fim, reafirmamos nossa aposta metodológica por sua sintonia com o projeto pedagógico do INES de ampliar cada vez mais a relação do aluno surdo com o mundo, contribuindo para reinventá-lo para todos.

Palavras-chave: Escolhas profissionais. Oficina. Jovens Surdos. Intérpretes. Psicólogas.

INTRODUÇÃO

As oficinas de escolhas profissionais realizadas no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) fazem parte de um projeto que define que a escolha de um caminho profissional é a construção de um modo de vida. Uma proposta que considera a escolha de um ofício, de uma profissão ou de um trabalho como um fazer cotidiano de si e de mundo. Um projeto ético, político e estético, na medida que questiona os efeitos do comportamento de cada um na trama social, assume um posicionamento perante si mesmo e os outros na invenção de caminhos.

As oficinas são dispositivos que nos permitem acompanhar as dúvidas e as expectativas dos jovens quando encerram o Ensino Médio e se preparam para ocupar novos lugares na rede social ao entrar no mercado de trabalho, aprender um ofício, ou continuar os estudos e adquirir uma profissão. As oficinas são um espaço de conversa em que as muitas perguntas que surgem nesse momento podem ser acolhidas. O que fazer? Trabalhar, estudar, trabalhar e estudar? Quais os sentidos que esse binômio trabalhar-estudar adquirem para o jovem surdo? Como se imagina no mundo e fazendo o quê? Através de uma profissão, um ofício? Como dar continuidade à sua formação, onde, com quem e de que maneira? Como atravessar as incertezas de um mercado de trabalho seletivo, exigente de formação contínua e constante? Questões iniciais que se desdobram em muitas outras.

Nosso trabalho tem em seu horizonte ampliar a percepção das conexões do dia a dia dos jovens com a rua, a cidade, a família, o coletivo, a cultura, várias linhas que compõem a trama de suas vidas e que produzem efeitos nos seus processos de escolhas.

O jovem tem ganhos diante de si, afinal completa um ciclo de sua vida, mas também inicia outro com nova rotina, novos compromissos, novas pessoas. Para aqueles que trabalharão, surge uma nova relação com o dinheiro, uma mudança de posição na própria família. Isso tudo envolve expectativas não só do jovem, mas da família, da escola, sentimentos e dúvidas que, se compartilhadas, podem expandir as relações de maneira mais potente e menos isolada.

Algumas questões inicialmente nos chegam tanto pelos alunos, como pelos professores: É possível ser psicólogo mesmo

sendo surdo? ... E ator, o que faço, dizem que sou muito desinibido... Eu quero ser professor porque sei me comunicar... eu quero só trabalhar, detesto estudar... Eu quero ser jogador de basquete... Eu quero fazer Medicina...ou Nutrição, ou ser professora...eu quero ser arquiteta de casas bonitas. Eu quero ir para Paris, um sonho... Eu não sei ainda...

Questões em profusão.

O tema da escolha profissional é uma rede que não pode ser reduzida às dúvidas, expectativas e possibilidades dos jovens como uma questão de competência individual. É preciso dar visibilidade às conexões com as mudanças da cena contemporânea, do mundo do trabalho e com os efeitos nas produções de subjetividades e nos modos de vida.

O mundo contemporâneo nos coloca desafios. Se, por um lado, temos melhor qualidade de vida pelos avanços tecnológicos que rapidamente nos permitem estar em muitos lugares ao mesmo tempo, encurtar distâncias, ter acesso a informações e culturas diferentes, compartilhar conhecimentos, agir de forma rápida diante de situações graves e urgentes, por outro lado ainda convivemos com desigualdades e conflitos que beiram o absurdo do inaceitável: a fome, a violência contra as mulheres, a impossibilidade de vida em muitas regiões, que resultam num êxodo de pessoas pelo mundo. Os territórios dos sem lugar no mundo aumentam vertiginosamente.

No Brasil, o Mapa da Violência 2015 revela que 42.416 pessoas morreram em 2012 vítimas de arma de fogo, o equivalente a 116 óbitos por dia. Essa cifra é mais acentuada entre os jovens, que correspondem a cerca de 59% das estatísticas³. É ainda mais alarmante que essas mortes se concentrem entre jovens negros, pobres e homens. O Mapa nos põe diante de um enorme desafio: como alterar esses dados que a cada ano levam o Brasil a oscilar entre o quinto e o sexto lugar no ranking internacional da violência?

Esses dados nos alertam para uma parcela da juventude brasileira em que as escolhas são uma questão de vida e morte. Mas a escolha pela vida não se faz isolada: é imprescindível a construção de redes, tramas que cotidianamente se sustentam no esforço de

³ Fonte: <http://nacoesunidas.org/unesco-mapa-da-violencia-revela-que-116-brasileiros-morrem-todos-os-dias-por-arma-de-fogo/>. Último acesso: dez. 2017.

muitos. Logo, de que maneira as pessoas, a escola, a rua, a cidade, o estado são e podem ser parceiros? Falar do futuro dos jovens é implicar o futuro de todos nós.

Futuro que nos defronta com a questão ambiental de maneira grave. O esgotamento dos recursos naturais nos confronta com o modo de vida que rege o mundo numa lógica do mercado, do descartável, do imediato, em relações competitivas, tendo no consumo desenfreado a base de sustentação. Logo, estamos diante de uma profunda crise de valores que pede um esforço coletivo de pensamento e de gestos para a invenção de outras posições diante de si e do mundo. O jovem que caminha no século XXI recebe essa convocação, de invenção de outras formas de convivência e produção.

O volume e o descompasso dessas realidades atingem a todos de maneira contundente, mas nos jovens têm suas peculiaridades, já que estão mudando sua condição de presença no mundo, em busca de maior autonomia e responsabilidade. Escolher uma profissão, um ofício, estudar, trabalhar é atravessar muitas mudanças, incertezas e transformar esse momento numa possibilidade de criação de modos de vida, quiçá dignos, solidários e belos.

Mas como é difícil falar em juventude! Só é possível falarmos em “juventudes”, no plural, com suas particularidades e regionalidades. E no caso dos processos de escolhas dos jovens surdos, quais as particularidades e os desafios que nos atravessam?

Entre os jovens com os quais encontramos, vimos o desejo e a prática da articulação da escolha do estudo com o trabalho, porque para a maioria o trabalho ainda é questão de necessidade financeira e também um forte componente de formação de laços sociais e de produção de coletivos. Mas um ponto chama a atenção: uma certa relação mágica entre a tomada de uma decisão e a materialização automática de um novo ciclo, sem a percepção de que há um caminho a ser feito e o jovem precisa se implicar com ele. Há um processo que já começou com sua história, com várias escolhas que foram feitas, mas é preciso continuar e cada vez mais assumir a autoria desse percurso. Perguntados sobre o que querem fazer respondem: estudar, trabalhar. Mas se perguntados sobre o que isso quer dizer, mostram que não se apropriaram do que isso significa, ou seja, que há muito por fazer acontecer. Esse caminho não lhes será dado.

Na avaliação de Colin (2016) desde a década de 1970, de várias partes do mundo somam-se iniciativas para combater a exclusão social das pessoas com deficiência. No entanto, um processo de mudança de mentalidade do pensar a deficiência como uma impossibilidade segue em descompasso entre a palavra e as ações, logo o caminho continua por se fazer. As contínuas crises econômicas justificam-se no discurso do Capital por uma necessidade de redução da presença do Estado. Como resultado, há a prioridade das políticas de apoio ao capital financeiro e de redução nos gastos sociais a fim de manter e consolidar os interesses de classe e o poder capitalista ancorado nas ideias de liberdade individual, de responsabilidade pessoal e de mercado livre. Diante dessa perspectiva mundial, e principalmente do Brasil, com as mudanças políticas recentes, as pessoas com deficiência têm um desafio imenso de politização da questão que envolve um sistema amplo, global e que afeta a todos.

AS OFICINAS

As oficinas se inserem dentro do projeto pedagógico do INES, que aposta na Educação em diálogo com a sociedade, voltada para o desenvolvimento e a autonomia das pessoas surdas.

Nesse sentido, desejamos superar os impasses que verificamos no processo de ensino e construção do conhecimento entre nossos alunos, com vistas a proporcionar e avançar cada vez mais no serviço que prestamos à comunidade surda, assegurando uma verdadeira autonomia do nosso público, na perspectiva de promover a educação, integrar a pesquisa e viabilizar um diálogo mais amplo com a sociedade, para que os conhecimentos aqui produzidos permitam um melhor relacionamento dessa sociedade com o público que atendemos. (INES, 2011, p. 11)

A metodologia do trabalho consiste em formar uma parceria de corresponsabilidade entre os participantes (alunos, psicólogas e intérpretes) sobre as experiências do grupo, e compartilhar o conhecimento produzido. Um trabalho ordenado numa lógica

horizontal de distribuição de conhecimento, tarefas, experiências. A proposta é fazer da oficina um espaço de conversa e criação. Nesse processo, a participação dos intérpretes foi fundamental, pois perceberam a importância da proximidade, da intimidade e do vínculo na proposta das oficinas, e promoveram a continuidade da sua presença na maior parte dos encontros, o que nos trouxe uma experiência inédita de trabalho.

Trabalhamos com dinâmicas de grupo, filmes, livros, entrevistas, pesquisas de diversas mídias, passeios, dispositivos que puseram em circulação os processos de escolha: informação, dúvidas, sentimentos, questões, interesses. O trabalho é em grupo para favorecer os processos de identificação – ouvir no outro um pouco de si mesmo –, mas também para exercitar as diferenças como aproximação e contribuir para a noção ética do coletivo como campo de forças e transformação. Constitui assim, um trabalho em grupo, mas atento às particularidades de cada participante.

As oficinas são compostas de três momentos: Quem sou, O mundo em que vivo e Eu com o mundo.

O Quem sou procura fazer um retrato do jovem no período atual. Sua história, seus sonhos, suas características e experiências frente ao sucesso e às dificuldades. Mostra que o jovem é feito de encontros com pessoas, acontecimentos, ideias, sentimentos que o marcaram e o fizeram se posicionar desde sempre. Relações com a escola, colegas, amigos, interesses, habilidades e dificuldades. É um momento que procura desenhar o que pode um jovem quando toma posse de sua história e de suas experiências.

O Mundo em que vivo é a descrição do jovem da sua percepção do mundo em que vive e como se posiciona nele. Curiosidade, entusiasmo, capacidade crítica e desejo de estar nele vão nos dando a medida de como o jovem se posiciona frente à sua própria vida.

Eu com o mundo é o momento em que todas as informações colhidas até esse momento estabelecem conexões e criam um contexto que permite buscar informações sobre ofícios, profissões, mercado de trabalho e dar uma direção para que o jovem comece desde já a atravessar esse período da vida marcado por decisões e apostas.

A metodologia das oficinas consiste em acompanhar e compartilhar com o grupo⁴ os processos que se desenrolam a partir das dúvidas e questões através de dinâmicas, jogos, uso de material plástico, literário, técnicas corporais.

NOSSO PERCURSO

Apresentamos abaixo algumas atividades entre as diversas que realizamos durante as oficinas, e no próximo tópico traremos reflexões e aprendizados construídos entre o grupo.

1. Apresentação – uma rede de escolhas: nessa atividade, cada pessoa apresentou-se, registrando em um papel seu nome, seu time de futebol, sua religião, sua cor preferida, sua comida preferida, etc. A cada registro, a pessoa contava o porquê e a origem daquela escolha. Pudemos evidenciar que algumas escolhas são feitas por outras pessoas para nós (como nosso nome, time, religião), mas que a cada momento da vida podemos reafirmar ou modificar essa escolha (usando um apelido, mudando ou mantendo a escolha de time, conhecendo ou não outras religiões), e que cada vez mais as escolhas passam a ser assumidas por cada um, o que gera uma série de sentimentos misturados. No encontro seguinte, as psicólogas e as intérpretes também participaram, contando a origem de seus nomes e de seus sinais.

2. Criar um ritmo entre nós – nessa atividade, desenhamos os números 1 e 2 repetidas vezes espalhados no quadro branco. Combinamos que ao apontar para o número 1, bateremos uma palma. Ao apontarmos o 2, bateremos o pé no chão. Uma pessoa começa como “maestro”, orquestrando o ritmo entre 1 e 2: criando uma sequência, acelerando ou diminuindo o ritmo. Repete-se, com os participantes se revezando no lugar de “maestro”. Esse ritmo criou um corpo comum entre nós que potencializou a integração durante o trabalho das oficinas, o exercício da escuta do outro e da voz de cada um.

⁴ Idealmente, um grupo seria formado por em torno de 10 alunos. Nas nossas oficinas, que duraram todo o segundo semestre de 2016, tivemos uma participação flutuante de 8 alunos, com média de 4 a 5 alunos por encontro no terceiro bimestre, e a continuidade da participação de 1 aluno no quarto bimestre escolar.

3. Séries de tarefas – em diversas atividades foram propostas tarefas aos alunos. Embrulhar um presente, costurar um botão, simular que está preparando o arroz. Essas tarefas foram disparadoras para discutirmos as habilidades e estilos de cada pessoa, bem como suas dificuldades, seus desafios cotidianos e suas curiosidades que podem levar ao desenvolvimento de novas habilidades.

4. Relação com o dinheiro – em algumas conversas a relação com o dinheiro e a vontade de consumir produtos diversos apareceu como motivadora para o trabalho, mas também foi feita uma reflexão sobre o valor do dinheiro, as formas de ganhar dinheiro, a realidade de suas vidas e a dependência familiar.

5. No mesmo barco – os alunos sentaram em uma folha de papel pardo estendida no chão. Aquela folha representava um barco. Cada participante ganhou um pedaço de papel dobrado. Dentro, estava escrito um material ou habilidade (balde, pá, coragem, medo). Simulamos, então, uma viagem de barco que passava por diversas intercorrências como calmarias e tempestades. Nesse processo, cada participante foi convidado a utilizar o que estava escrito no seu pedaço de papel dobrado. Percebemos junto com eles a construção de um trabalho coletivo (de salvar o barco) a partir das diferenças que cada um trazia na bagagem (papel dobrado). Essa atividade desencadeou uma série de questões sobre competição, trabalho em grupo, ameaça, egoísmo, solidariedade, confiança.

6. Somente um aluno participando – no 4º bimestre apenas um aluno deu continuidade à oficina. Esse aluno em certo momento nos avisou que iria parar também de frequentar a oficina, por questões ocorridas na escola que o decepcionaram. Porém, foi possível conversarmos e percebermos a importância de continuarmos o trabalho, mesmo com apenas um aluno. Aprendemos como é difícil sustentar uma atividade extra-classe. Há sempre uma interrupção por causa de um emprego, estágio, ou problema financeiro, ou mudanças das atividades escolares por conta de reforço. Das avaliações que fizemos, constatamos interesse em dar prosseguimento às oficinas, mas precisamos refinar nossa percepção para avançar mais em nosso trabalho.

7. Profissão em Pessoa – entendemos que é importante que o aluno conheça não só as atribuições da profissão que deseja, mas também como é o cotidiano encarnado desse profissional. Então, a partir das indicações do aluno sobre a profissão que gostaria de seguir, realizamos uma entrevista (em que o aluno foi o entrevistador) com um professor⁵, do CAP/INES, que conjugou três formações diferentes. Assim, o aluno pôde ver o percurso que o profissional realizou para a construção de sua carreira; o quanto suas escolhas, a princípio diversas, não são únicas e eternas, e como fazem parte de uma composição do exercício profissional atual; os trabalhos invisíveis dessas profissões (reuniões, planejamento, etc). Realizamos também um acordo para que o aluno acompanhasse o professor em sua oficina de basquete, de modo que pudesse se envolver em diferentes etapas do exercício profissional.

8. Devolução com os pais – próximo ao final do percurso com as oficinas naquele ano, retomamos a ideia de rede para sustentar as escolhas. Assim, convidamos a família desse aluno que permaneceu conosco até o fim das oficinas para realizarmos uma conversa e expor as descobertas, os aprendizados e os desafios encontrados. Considerando que o aluno estava no 9º ano do Ensino Fundamental, sugerimos tarefas a serem realizados nos próximos anos, para aprofundamento da pesquisa referente à profissão, bem como caminhos possíveis para ir desde já se aproximando e concretizando a escolha. Atividades foram orientadas, como cursos, visitas a universidades, escolas técnicas, conversas com profissionais da área de forma que o aluno ampliasse os interesses e os modos de concretizá-los.

O QUE APRENDEMOS E AINDA ESTAMOS APRENDENDO

Apresentamos nesse tópico alguns aprendizados e alguns questionamentos construídos ao longo das oficinas com esse grupo. Eles foram debatidos ora entre as psicólogas, ora entre as psicólogas e os intérpretes, ora com todo o grupo, durante as oficinas.

⁵ Agradecemos a participação e apoio do professor que ofereceu à época duas oficinas bem diversas, das quais o aluno participou.

1. Ao realizarmos uma reunião entre psicólogas e intérpretes, fizemos a avaliação da importância do formato desse tipo de proposta, que de maneira dinâmica, lúdica, leve e atrativa convida os alunos a expressar seus pensamentos, vontades, dúvidas e pontos de vista (diferente de outras metodologias predominantemente expositivas, como aulas e palestras). Os alunos de fato interagiram, participaram, tiraram dúvidas, o contato foi muito fácil, o clima foi bom, a temática foi pertinente.

2. Foi possível construir uma relação afinada pelo interesse na atividade e pela vontade e insistência em fazê-la acontecer.

3. Percebemos a importância do tema tratado – as escolhas profissionais, especialmente com o público de jovens surdos. Devido à barreira linguística, os surdos muitas vezes têm menos acesso às informações e aos conhecimentos que chegam a nós, ouvintes, com facilidade no cotidiano.

4. Foi apontado que o assunto deveria ser mais abordado no cotidiano escolar, provocando essa reflexão mais constantemente entre os jovens, de forma transversal à formação. Analisamos que muitas vezes o tema da autonomia e das escolhas é pouco trabalhado, tanto em discussões quanto em estruturas e modos de funcionamento escolares. Desse modo, aumenta-se o risco de predominarem discursos e práticas incapacitantes, que colocam a surdez como falta (afinando-se com a visão biomédica de deficiência). Que estruturas poderiam ser alteradas para promover maior autonomia do aluno?

5. Nesse processo e nas relações estabelecidas a partir dele, pudemos refletir sobre os diferentes lugares que o intérprete ocupa e os diferentes momentos em que ele atua, o que mostra como o campo de trabalho desse profissional é amplo e múltiplo. Percebemos também a potência de um trabalho em parceria quando as intérpretes se integram ao trabalho, dando retorno para as psicólogas, participando de momentos de avaliação do trabalho, e principalmente na continuidade do atendimento – já que a maioria dos encontros foi acompanhada pelos mesmos intérpretes, que entenderam a importância do vínculo e da continuidade para esse trabalho, e se organizaram como equipe para prestar o atendimento dessa maneira.

6. Parece-nos haver barreiras entre surdos e ouvintes. De que maneira foram e continuam sendo construídas? Como pensar em espaços de articulação e encontro para maiores trocas que possibilitem aos ouvintes conhecer o universo da surdez? Como é para o surdo se situar em meios predominantemente compostos por ouvintes? De que forma isso reverbera em suas vidas?

7. Aprendemos que o aluno surdo por vezes dá respostas que nos parecem muito vagas – mas que podem ter conteúdos que precisamos desenvolver para ver. Como lidar com isso? Como colher com aquele aluno o significado que a atividade teve para ele? Existem alguns tipos de perguntas e respostas que podem provocar o aluno a dialogar mais. É importante estar aberto para acolher e praticar o exercício de fazer a mesma pergunta de diversas maneiras diferentes. “Respostas-tampão”, como dizer para o aluno: “você não entendeu minha pergunta”, encerram a comunicação e sobrecarregam os intérpretes. É importante ampliar as possibilidades de resposta dentro de certa temática.

8. Uma estratégia que tivemos na comunicação com os alunos foi a de ir e voltar, pegando o que dizem em um momento, resignificando em outro, juntando falas, criando outras composições, uma atividade que o pensamento segue em forma de espiral. Formando um rizoma, fazendo conexões, multiplicando as conexões possíveis.

9. Percebemos nesse processo como é importante fazermos juntos – como é rico o trabalho em parceria. Ao mesmo tempo, não é fácil manter as parcerias e as articulações. Fica o desafio de pensar estratégias para sustentá-las.

10. Recebemos a sugestão dos intérpretes de convidar professores surdos para participar da construção e da execução do trabalho, e observamos (a partir desse e de outros trabalhos) o quanto essa parceria é importante e enriquece o trabalho.

11. Por que os alunos saíram? Trabalhamos com um grupo de alunos interessados no processo, com conhecimento do mundo, com acesso à TV, bilíngues e biculturais (diminuindo a barreira comunicacional), que deram retorno de estar gostando do espaço e das atividades, porém não priorizaram a continuidade desse processo. Percebemos essa desistência, bem como a infreqüência,

perpassando outros espaços escolares também. Por quê? Como a escola vê isso? De que forma é possível trabalhar essas questões? O que interessa para eles, qual o lugar que isso ganha na escola? De que forma esses alunos enxergam a escola e outros espaços educacionais além da sala de aula?

12. Algumas pequenas ações fazem grande diferença. Como, por exemplo, chamar a pessoa pelo seu sinal. Isto é reconhecer o singular de cada fala, de cada presença. Nesse processo, também faz diferença lembrar de suas falas, trazendo-as para o coletivo, mas sustentando o que é de cada um.

13. Outra pequena ação que fez toda diferença foi o contato informal: conversas e encontros com alunos nos corredores, encontro com os professores fora de espaços de reuniões, momentos de partilha do cotidiano que aproximam as pessoas.

14. Uma surpresa foi o quanto a família por vezes fica distanciada do cotidiano de seu filho. No caso que acompanhamos até o final da oficina, no momento que convocamos a família para uma parceria para continuidade do processo fora da escola, uma mãe veio com a expectativa de ter sido chamada por alguma falta do filho. A relação com a escola fica marcada pela repressão. Ela se surpreendeu quando a informamos sobre todo o trabalho desenvolvido na oficina, bem como sobre as outras atividades das quais o aluno estava participando. Disse saber das atividades, mas não tinha ideia da dimensão do conteúdo e do significado. A língua faz parte do processo, já que nessa família a irmã era a única que sabia Libras.

BREVES APONTAMENTOS DE CONCLUSÃO E ABERTURA DE NOVOS CAMINHOS

Este trabalho nos mostrou a riqueza do trabalho em parceria e a importância de construirmos juntos o percurso. De não considerar o aluno como objeto de intervenção, mas como sujeito de seus caminhos. De como se faz relevante o acompanhamento do processo de escolhas profissionais, especialmente com o público surdo, na direção de ampliar visões de mundo e de possibilitar desdobramentos de suas escolhas, bem como de pesquisar em

conjunto e incentivar a descoberta das diversas culturas profissionais – os papéis sociais das profissões, as relações demandadas em cada campo de trabalho, as possibilidades de articulação entre profissões e profissionais diversos.

Foi possível refletir também acerca da importância de aproximar a família dos trabalhos que o aluno realiza – que a escola apresente à família as potencialidades e conquistas dos alunos. Assim como pensar sobre a importância de a família aprender a Libras, de alta relevância para fortalecer, na miudeza do cotidiano, os vínculos com seu familiar surdo.

Fica uma reflexão para trabalhos futuros: que espaços outros podemos construir de forma a ampliar o universo de possibilidades de escolhas junto aos jovens? Como consolidar os espaços educacionais oferecidos como complementares e torná-los mais atrativos aos estudantes? Uma bela aposta.

REFERÊNCIAS

Barnes, C. Deficiência, trabalho e proteção social: aplicação do modelo social. Fontes, F.; Martins, B. S. (Orgs.). *Deficiência e emancipação social: para uma crise da normalidade*. Edições Almedina: Lisboa, 2016.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação, 2011.